

LOUCOS

©Sonal
20/8/70

A arte explode em milagres

O Museu de Arte Moderna está expondo, até 8 de setembro, quatro artistas do Engenho de Dentro, os loucamente geniais Emygdio, Carlos, Fernando e Rafael, que desamarrados por definição das convenções, do academicismo, das formas de rotina, explodem em concepções maravilhosas de um universo nôvo em tudo e por tudo.

Dêles, diz o pintor e professor de arte do MAM:

— É uma pena que essa loucura não tenha nos atingido para que realizássemos obras como estas, ou melhor, não tenha nos atingido a tal ponto».

Rafael, Rafaelo

Ele assina Rafael, Raphael, Raefael, Raefaldo, Rarapi, Rafaiel, Refel.

Estava com 18 anos quando, em meses, percorreu todo o corredor que leva à loucura.

O pai era escultor em mármore e êle, quando pela primeira vez pegou um lápis, falou em corpos, expressões, animais e flôres. Até que se precipitou no abismo em que as coisas estão em outra ordem e em outros lugares, e em que a ótica é particularíssima.

Seus quadros são em nanquim ou aquarela, fixaram-se entre 1946 e 1948. Depois disso só conseguiu traçar linhas que não levavam a um conjunto, quais caminhos que não levam a nenhum encontro marcado.

Agora já volta a desenhar, reencontra-se com suas concepções bem próprias em que as linhas e pontos enfeixam-se num sentido. Num sentido seu. Nascido em São Paulo em 1912, tem a idade mental de três anos e já participou da exposição do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1949; do I Congresso Internacional de Psiquiatria e Arte Psicopatológica, em 1950; da Exposição de Artes Primitivas e Modernas Brasileiras, no Museu de Etnografia de Neuchatel, Suíça, em 1955; e do II Congresso Internacional de Psiquiatria, em Zurique, 1957.

A desenhista Marta Pires Ferreira trabalha com Rafael, orienta-o, motiva-o e tenta segui-lo em seus subterrâneos e verdades puras.

— Para compreender um mundo tão complexo como o nosso, eu me aproximo de Rafael e de sua sensibilidade, tento senti-lo num convívio freqüente. Desenhamos, êle no seu estilo e eu no meu. O dêle é melhor.

O professor de arte Ivã Serpa enfoca o conjunto:

— Se a obra de arte comunica, é arte no seu mais alto grau. É como quando se ama pela primeira vez, tudo muito autêntico. Estes quadros penetram em nós, correm-nos em fluidos.

A diretora da Escolinha de Arte do Brasil, Noêmia Varela:

— É uma forma extraordinária de expressão. É pura e simples e vem do fundo da alma. Isto tudo é o mundo dêles, nu e cru, só êles têm a profundidade de nos falar de sua vida interior e com isso, quebrar o seu isolamento com o resto do mundo e do universo.

Os sem razão?

O elenco dos convencionalmente desprovidos de razão completa-se com Emygdio, Carlos e Fernando.

Emygdio nasceu em Paraíba do Sul, em 1895, está expondo 46 telas, a maioria óleo. Começou a pintar em 1948 e até hoje ainda produz. Já participou de cinco mostras coletivas, duas telas no exterior.

Carlos é carioca, de 1910. Também participou de cinco exposições. Agora está mostrando 31 óleos, do período 1948 a 1964.

Fernando é da Bahia, de Aratu, de 1918. Fez 74 óleos de 1948 até agora. Ganhou o primeiro prêmio «hors concours» da exposição patrocinada pela Fédération des Sociétés de Croix Marine, em Paris, 1957.

O ex-proprietário da Galeria Relêvo, Jean Boghici, diz da mostra:

— Isto que estou vendo é o mais alto grau de expressão em estado puro. É uma arte da maior qualidade profissional e grande expressividade. Só um grande artista como Matisse conseguiu atingir isso, voltando às origens. É a melhor mostra que já houve no museu, tem uma unidade espantosa.

arte contemporânea